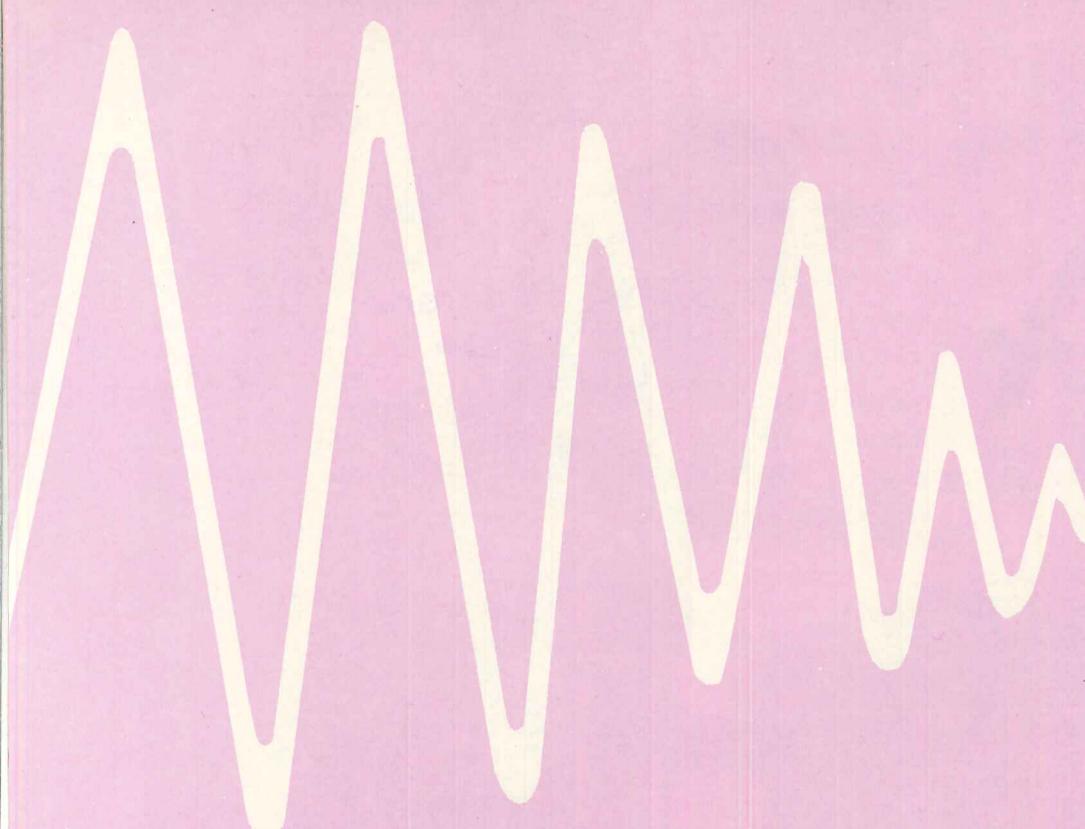


European Nazarene
Bible College
Library

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 1 DE JUNHO DE 1983





na hora da morte

Instintivamente, os olhos de médicos e enfermeiras procuram a aparelhagem moderna hoje existente em tantos hospitais. Nessas máquinas, dados vitais do paciente são registrados por linhas ondulantes numa tela semelhante à dum pequeno televisor.

Durante o tempo que trabalhei como capelão num moderno hospital, vi-me tantas vezes diante dessa aparelhagem ligada ao doente por sensores electrónicos. Quando a linha na tela perdia oscilação e se tornava recta, sabia-se que o paciente deixara de viver. O pessoal médico batalhava para que isso não acontecesse. Em muitos casos, procuraram reverter a situação, submetendo o corpo a choques eléctricos e injectando-lhe químicos estimulantes.

Lembro-me dum médico experiente que reagiu assim à morte de alguém: "Vejo isto todos os dias, mas não consigo habituar-me à ideia".

Todos nós temos problemas

relacionados com a morte—tanto a de pessoas amigas como a perspectiva da nossa própria.

E não nos achamos historicamente isolados neste capítulo. Há vinte séculos, os cristãos de Tessalónica enfrentavam o mesmo problema. Sabemos isto por uma carta do apóstolo Paulo àquela igreja: "Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem (ou que já morreram), para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormiram (ou morreram), Deus os tornará a trazer com Ele" (I Tessalonicenses 4:13, 14).

É claro que o apóstolo Paulo divide os mortos em duas grandes categorias: os que morreram *em* Cristo, e os que morreram *sem* Cristo.

A diferença ainda existe. E é de tanta magnitude que distingue duas filosofias opostas em relação à morte.

A filosofia da extinção é

prevalecente nos meios em que a morte se deu *sem* ou *fora* de Cristo. Pouco mais resta—pensam os seus adeptos—que cinzas e ossadas. A ideia de futuro, reuniões de entes queridos, julgamento, eternidade, torna-se até ridícula. O AQUI JAZ de pedra tumular é definitivo.

A filosofia da esperança reina no ambiente em que a morte se deu *em* ou *com* Cristo. Fica-nos a saudade de uma partida, mas a promessa garantida de uma reunião de carácter eterno.

Paulo pede aos Tessalonicenses que não se entristeçam nem se desesperem ante a morte dos que partilham da sua fé em Cristo.

Na hora grave da morte precisamos mais do que de panaceias ou sugestões fantasiosas. Queremos alguma certeza básica a que nos possamos agarrar, tanto em relação a familiares e a amigos como a nosso próprio respeito.

A Bíblia ensina que a morte não é final. Dá-lhe uma função

específica: a de nos fazer transpôr os limites desta vida e entrar na eternidade. Bons e maus, santos e perversos entram na eternidade. O que aconteceu ao corpo em nada alterará ou caracterizará a nossa presença na eternidade. Muitos antigos tiveram a preocupação de embalsamar o corpo, preservá-lo intacto para uma vida no além. As Escrituras, porém, ensinam que teremos novo corpo, incorruptível e eterno.

A única parte que não sofrerá transformação radical é a nossa alma. Na realidade, o estado dela ao morrermos marcará o destino eterno que nos espera: com Cristo, na luz, ou perdidos, nas trevas.

Só há uma garantia de morrermos com ou em Cristo. E ela não nos é transmitida por cerimoniais religiosos, por mais solenes que sejam. Vem-nos pela vida com Cristo, hoje e agora. Quando nos associamos a Ele no presente, Ele se associará a nós por toda a eternidade. □

—Jorge de Barros

LIBERTAÇÃO NA CRISE

A solução da crise pessoal consiste em reconhecer e obedecer à voz de Deus.



Em tempo de crise foram dados a Israel dois mandatos. A experiência encontra-se registrada em Êxodo 14:13—“Não temais; estai quietos e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará”. E no versículo 15: “Dize aos filhos de Israel que marchem”. Aparentemente estes dois mandatos são paradoxais, mas a sua libertação do jugo egípcio nesse dia memorável dependia da obediência a ambos.

Todos nós enfrentamos hoje várias espécies de crises. Da experiência de Israel, no passado, aprendamos algumas lições importantes. Nas horas de crise necessitamos de sabedoria e compreensão. Sabemos que é difícil “permanecer firmes” na crise. A reacção sempre parece um acto mais natural. No entanto, o exagero e o alarme apenas tornam mais frustradora a situação. A voz da presunção grita na crise, urgindo acção, decisões rápidas, avançar. A voz oposta da cobardia aconselha-nos a rendição ou manda-nos retroceder e desistir.

A solução da crise pessoal consiste em reconhecer e obedecer à voz de Deus. O profeta Elias estava no monte Horeb quando ouviu um forte vento que fendia os montes e quebrava as penhas, seguido de um terremoto e fogo. Depois, na calma que se seguiu à tempestade, ouviu uma voz mansa e delicada que ele reconheceu. Só então é que Elias “envolveu o rosto na sua capa, e saiu para fora, e pôs-se à entrada da caverna” (I Reis 19:13). Distinguir hoje a voz de Deus entre os ruídos pavorosos e ensurdecadores do nosso mundo, é assegurar libertação e vitória. Ouvir a voz do Mestre no meio da tempestade é ter certeza da vitória, mesmo quando a derrota parece inevitável.

Se obedecermos à ordem de “permanecer firmes” na crise, facilitaremos a intervenção divina nos nossos negócios. O Senhor preparou uma via de escape para os israelitas e logo lhes ordenou que “marchassem”. Ele também preparará um caminho para nós.

Isto ajuda que Deus nos oriente no nosso esforço. Caminharemos sempre “para a frente” sob a orientação divina.

A obediência também concede à alma uma maior revelação de Deus. Enfrentar a crise com fé e certeza na capacidade e na boa vontade do Senhor nos ajudar, exige disciplina; mas, ao mesmo tempo, torna-se fascinante quando observamos o desenvolvimento do Seu grande plano e vemos revelado o livramento. □

—Charles H. Strickland
Superintendente Geral

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XII
Número 11
1 de Junho de 1983

BENNETT DUDNEY,
Director Geral
JORGE DE BARROS,
Director
ACÁCIO PEREIRA,
Redactor
ROLAND MILLER,
Artista
CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES,
Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE
é membro da EPA
(Associação da Imprensa
Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente por Publicações Internacionais da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) is published semi-monthly by Publications Services — Portuguese — of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 per year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

FOTOS:

CAPA—Vivienne
P. 4, 5—LUOAMA
P. 6, 7—A. Cliburn
P. 8, 9—LUOAMA
P. 10, 11—Dominique
P. 12, 13—LUOAMA

Serão importantes as crianças ao reino de Deus? Jesus declarou: "Deixai os meninos, e não os estorveis de vir a mim; porque dos tais é o reino dos céus" (Mateus 19:14). E à pergunta dos discípulos sobre quem é maior no reino dos céus, Jesus respondeu: "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus" (Mateus 18:1-3).

Pertencerão todas as crianças ao reino de Deus? Serão elas por natureza puras e santas? Necessitarão dum novo coração? Foi o Mestre que explicou: "Aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus" (João 3:3). A conversão dum menino pode ser muito diferente da dum adulto, mas ainda precisa dela. As Escrituras referem-se às condições da salvação, sem distinguir idades: "Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Romanos 3:23). "A todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no seu nome" (João 1:12).

Não bastam a cultura e a preservação duma natureza pura e santa. A criança encontra-se incompleta e imperfeita—"destituída da glória de Deus"—e precisa dum Salvador.

Como, quando e onde ganhar as crianças para Cristo? O melhor lugar é o lar. Um ambiente cristão ajuda os filhos a se encaminharem para o Senhor. Pais crentes não descumam o culto familiar diário nem a oração. Seleccionam as leituras e divertimentos dos filhos. Eu considero o meu lar cristão como a melhor herança que recebi. Pode-se ser pobre de bens terrenos, mas muito rico espiritualmente.

A criança que recebe instrução bíblica adequada à sua idade acabará por possuir uma base espiritual sólida. Esforcemo-nos todos por que as crianças adquiram o melhor ensino bíblico. A Escola Dominical desempenha papel importante no seu aproveitamento. Há igrejas que ministram ensino especial aos professores da Escola Dominical para que sejam efectivos nas suas classes.

Devemos viver de tal forma que brilhe na nossa vida o amor de Cristo. Que temos feito para ajudar as crianças a entrarem no reino dos céus?

Com a sua gloriosa mensagem de redenção, a igreja tem grande responsabilidade no desenvolvimento moral e espiritual das crianças.

Conta-se que certo evangelista, ao chegar a casa depois dum culto, confidenciou à esposa: "Tivemos duas conversões e meia". Ela pensou: "Queres dizer, dois adultos e uma criança". Então o marido explicou: "Não, foram dois meninos e um adulto; pois as crianças têm a vida inteira à sua frente, enquanto que ao homem apenas resta metade".

Uma alma ganha para Cristo conta para o reino dos céus. Há crianças, jovens e adultos que aceitaram Jesus Cristo como Salvador a convite e exemplo dos mais novos.

Enquanto preparava a mensagem, certo pregador duma cruzada evangelística ouviu bater à porta do escritório. Era um menino. Disse: "Venha depressa, porque há um grupo de crianças no quintal à sua espera". Ao chegar deparou com um quadro emocionante—sete meninos procuravam ganhar um companheiro para Cristo.

Desabafaram: "Já cada um de nós contou a maneira como foi salvo, mas parece que não nos explicámos bem". O pregador sentou-se no chão e, com palavras simples, narrou o seu encontro com o Salvador quando tinha dez anos de idade. Em seguida, todos inclinaram a cabeça para orar enquanto a luz divina penetrava e transformava aquela alma.

As crianças são preciosas aos olhos do Mestre. Ele as amou como ninguém. "Tomando-as nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava" (Marcos 10:16). Temos nós ensinado às crianças que precisam de Cristo, o mais fiel Amigo e devoto Professor? Procuremos que as crianças consagrem sua vida ao Senhor e nasçam para o reino dos céus. □

—Maria Butler

STATEMENT OF OWNERSHIP, MANAGEMENT AND CIRCULATION			
1. TITLE OF PUBLICATION			
O Arauto da Santidade (EPL)		2. DATE OF FILING	
3. FREQUENCY OF ISSUE		4. ANNUAL SUBSCRIPTION PRICE	
Semi-Monthly		\$2.00	
5. COMPLETE Mailing ADDRESS OF KNOWN OFFICE OF PUBLICATION (Street, Box, and ZIP Code) (Not printer)			
2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109			
6. COMPLETE Mailing ADDRESS OF THE HEADQUARTERS OR GENERAL BUSINESS OFFICES OF THE PUBLISHER (Not printer)			
6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131			
7. FULL NAMES AND COMPLETE Mailing ADDRESSES OF PUBLISHER, EDITOR, AND MANAGING EDITOR (This form must not be blank)			
PUBLISHER: Name and Complete Mailing Address			
Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109			
EDITOR: Name and Complete Mailing Address			
Jorge Barros, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131			
MANAGING EDITOR: Name and Complete Mailing Address			
Bennett Dudney, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131			
8. OWNER (If owned by a corporation, its name and address must be stated and also immediately thereunder the names and addresses of stockholders owning or holding 1 percent or more of total amount of stock. If not owned by a corporation, the names and addresses of the individual owners must be given. If owned by a partnership or other unincorporated firm, its name and address, as well as that of each individual must be given. If the publication is published by a proprietor, his name and address must be stated. If owned by a partnership or other unincorporated firm, its name and address must be stated. If not, then must be completed.)			
FULL NAME			
Nazarene Publishing House			
COMPLETE MAILING ADDRESS			
2923 Troost Avenue, Kansas City, Mo. 64109			
9. KNOWN BONDHOLDERS, MORTGAGEES, AND OTHER SECURITY HOLDERS OWNING OR HOLDING 1 PERCENT OR MORE OF TOTAL AMOUNT OF BONDS, MORTGAGES OR OTHER SECURITIES OF THIS CLASS (Do not leave blank)			
FULL NAME			
COMPLETE MAILING ADDRESS			
FOR COMPLETION BY NONPROFIT ORGANIZATIONS AUTHORIZED TO MAIL AT SPECIAL RATES (Section 413, 414, 415, 416)			
The purpose, function, and nonprofit status of this organization and the exempt status for Federal income tax purposes. (Check one)			
<input checked="" type="checkbox"/> HAS NOT CHANGED DURING PRECEDING 12 MONTHS <input type="checkbox"/> HAS CHANGED DURING PRECEDING 12 MONTHS			
10. EXTENT AND NATURE OF CIRCULATION (If changed, publisher must submit explanation of change)			
11. TOTAL NO. COPIES (Net Press Run)			
12. PUBLICATION (Net Press Run) (Sum of 12a, 12b, and 12c)			
13. TOTAL DISTRIBUTION (Sum of 13a and 13b)			
14. RETURN FROM NEWS AGENTS			
15. TOTAL (Sum of 11 and 14) (Must equal net press run shown in 11)			
16. I certify that the statements made by me above are correct and complete			
Signature of Publisher or Business Manager			

A young child with light-colored hair is looking through a telescope. The child's face is in profile, looking upwards and to the right. The telescope is a long, dark tube. The background is a soft, light blue sky. The overall mood is one of wonder and discovery.

as crianças
e o reino
dos céus

A BÍBLIA E O REGRESSO DE CRISTO

—Bud Reedy

Escutei há dias dois jovens a conversar. Ao aproximar-me ainda consegui distinguir algumas palavras: *arrebatamento*, *revelação*, *anticristo* e *tribulação*. Falavam acerca da escatologia—doutrina das coisas que acontecerão no fim do mundo.

Depois de entrar na conversa e eles saberem que eu era seminarista, perguntaram: “Sabe quem é o anticristo? Que acontecerá durante a tribulação? O milénio será antes ou depois?”

Achava-me diante de jovens inteligentes e sem saber responder às suas perguntas. Faltavam-me conhecimentos bíblicos. Apresentei-lhe a minha opinião pessoal, mas nada da Bíblia referente à Segunda Vinda de Cristo. Recordo que lhes disse algo sobre os grandes mistérios da vida, desculpei-me e segui caminho. . . frustrado. Afinal os dois jovens ficaram confusos e eu não os pude ajudar.

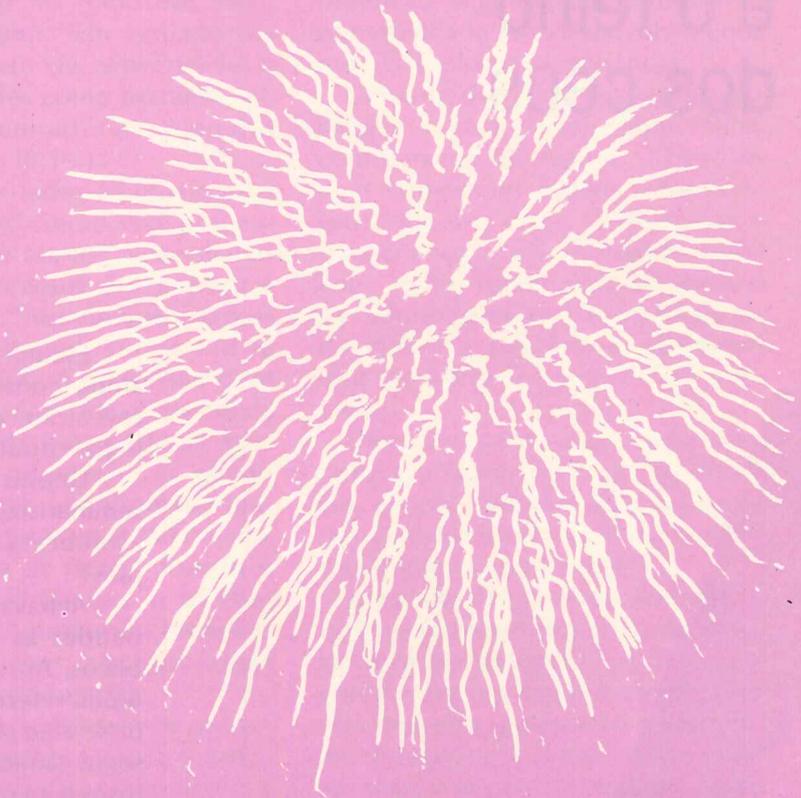
Com grande surpresa e alegria soube, pouco depois, que o professor de teologia anunciara para a semana seguinte a *escatologia* como tema de discussão. De acordo com o que foi tratado nesse encontro, precisamos de saber acerca da Segunda Vinda do Senhor:

1. *Que Cristo voltará.* Quando Seus discípulos estavam reunidos, Ele declarou: “Não se turbe o vosso coração: credes em Deus, crede, também, em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. E, se eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós, também” (João 14:1-3). Depois de Jesus subir ao céu, esta promessa foi confirmada imediatamente por dois anjos que disseram: “Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que de entre vós foi recebido em cima, no céu, há-de vir assim, como para o céu o vistes ir” (Actos 1:11). Isto indica que Ele virá repentinamente, sem qualquer anúncio; como um ladrão de noite (Mateus 24:42-44; II Pedro 3:10). Quando Ele regressar será visto por toda a gente (Mateus 24:27). Também outros sinais acompanharão o Seu regresso: a pregação do evangelho em todo o mundo (Mateus 24:14); um período de grande tribulação (Mateus 24:21-22; Apocalipse 7:14); cataclismos (Mateus 24:29; Actos 2:20; Apocalipse 6:12). Todas estas passagens bíblicas se referem ao regresso visível e triunfante de Cristo à terra.

2. *Não sabemos quando.* Jesus disse aos discípulos: "Daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai" (Marcos 13:32). Desconhecemos o ano, o dia, o momento em que Cristo voltará. Mas temos a certeza de que isso será em breve.

3. *Devemos estar preparados.* Haverá então uma separação oficial entre bons e maus. Jesus explicou-o na parábola do trigo e do joio: "O reino dos céus é semelhante ao homem que semeia boa semente no seu campo; mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e retirou-se". Quando os servos queriam arrancá-lo, ele lhes disse: "Deixai crescer ambos, juntos, até à ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: Colhei primeiro o joio, e atai-o em molhos, para o queimar; mas, o trigo, ajuntai-o no meu celeiro" (Mateus 13:24-30). Cristo julgará os bons (trigo) e os maus (joio). Os justos serão recompensados e os ímpios lançados na fornalha de fogo. Daí a importância de estarmos preparados para o tempo da ceifa: a Segunda Vinda de Cristo.

Voltei várias vezes ao local aonde estivera com aqueles dois jovens, mas nunca mais os tornei a ver. Agora já podia compartilhar com eles o que aprendi na Bíblia. É certo que não poderia responder a todas as perguntas, como quem é o anticristo e certos pormenores da tribulação e do arrebatamento. Mas isso é secundário. O mais importante é ter a certeza de que já nascemos de novo, que somos filhos de Deus, cheios do Espírito Santo e que estamos preparados e activos no serviço do Senhor. Cresçamos na fé e no amor. Jesus disse: "Por isso, estai vós apercebidos, também; porque o Filho do homem há-de vir à hora em que não penseis" (Mateus 24:44). □



O coração puro

—W. E. McCumber

Acabo de ler um livro interessante de Daniel Schorr. Nele o autor descreve o envolvimento da polícia secreta em derrubar certo político ditador. O plano consistia em divulgar nesse país a iminência da segunda vinda de Cristo, insinuando-se ao mesmo tempo que o chefe político era o anticristo. Num dado momento estratégico, submarinos lançariam foguetes luminosos que inspirariam o povo a revoltar-se contra o ditador.

É repugnante explorar a promessa bíblica da segunda vinda de Cristo com o propósito dissimulado de derrotar individualidades políticas e militares. Mas ainda o é mais para

a consciência cristã a forma como certas pessoas da igreja têm abusado da doutrina da segunda vinda de Cristo com fins egoístas. A ideia desta doutrina sempre intrigou os crentes e leitores da Bíblia. Talvez nada atraia mais gente e chame mais a atenção do que mensagens sobre este tema, especialmente se há acontecimentos ligáveis a sinais proféticos e se algum líder contemporâneo é identificado como o anticristo.

Exactamente por ser bíblica a doutrina da segunda vinda de Cristo e podermos esperar o cumprimento da "promessa", compete-nos proclamar esta mensagem. No entanto, aqueles que o fazem, examinem cuidadosamente de vez em quando os seus motivos e métodos.

Paulo exortou a consolarem-se "uns aos outros" com a promessa da vinda do Senhor (I Tessalonicenses 4:18). Eu tenho ouvido mensagens que raramente animam os ouvintes. Em vez disso, discriminam-nos para obter melhor assistência e assustam-nos para aumentar o número de contritos. Naturalmente, o tamanho da congregação e o número de "arrepentidos" podem ser facilmente interpretados como êxito.

Uma exegese sábia e prudente não precisa de dramatismos que possam enganar. Tenha-se muito cuidado ao falar da "besta" e ao fixar datas e apresentar hipóteses. Ficará triste e preocupado quem investigar a confusão e o mal que as interpretações dogmáticas especulativas têm causado ao longo da história da igreja. Os resultados foram sempre negativos. As pessoas sensatas têm-se afastado tanto de emocionalismos que é difícil ouvir-se uma boa mensagem sobre esta gloriosa promessa bíblica.

Poucos daqueles que espalharam o boato da segunda vinda de Cristo contra o ditador acima mencionado acreditavam realmente nela. Quando Jesus vier julgará o mundo com justiça e pronunciará sentença contra os que abusam da doutrina da Sua vinda como instrumento de desígnios políticos. Quem proclama com finalidade egoísta esta doutrina, a sua consciência adverte-o de que o coração rejeita o que a boca proclama.

Creemos que Cristo voltará e devemos anunciar a doutrina com legítima advertência. Não abusemos duma mensagem que nosso Senhor apresentou como um aviso contra os malfeitores e um estímulo para os Seus seguidores.

A doutrina da segunda vinda não é a única que se presta a fácil manipulação. A cura divina tem sido campo aberto para quantos querem enriquecer à custa da dor e da doença alheias. Com Seu grande poder, Jesus pode e cura enfermos. Mas, por vezes, o doente encontra-se tão desesperado que não examina os motivos e a vida daqueles que se apresentam como curadores. Usam promessas e truques publicitários para explorarem o enfermo. As extravagâncias na cura são caminho seguro para maior auditório e recolha de dinheiro.

A perversão de qualquer doutrina bíblica com finalidade lucrativa pessoal é prática desonesta. A verdade preciosa do regresso de Cristo tem sido lamentavelmente mal interpretada por muitos. □

a doutrina da segunda vinda

—John Henry Jowett

Que destino dará Deus aos meus pecados quando, em verdadeira humildade, eu me apresentar ante a Sua face? Escuta, ó meu coração, a música do Evangelho!

Ele apagará "todas as minhas transgressões" (Salmo 51:1). E apagá-las-á de modo que nem a santidade do Seu olhar possa descobrir delas o mínimo vestígio. Elas deixarão simplesmente de existir, tal como a pequena e escura nuvem que destoava da radiosa limpidez do céu e que eu vi subitamente transformar-se em nada.

Lavar-me-á "completamente da minha iniquidade" (v. 2). A Sua purificação será total e não apenas ligeira e superficial: as mais fundas impurezas serão removidas e destruídos para sempre os germens que se ocultam nas mais recônditas células! O Senhor purifica "completamente": não há fio nem fibra que não seja atingido pela Sua absoluta pureza.

Dar-me-á também "um coração puro e renovará em mim "um espírito recto" (v. 10). A própria atmosfera que envolve a minha vida será como a do ar depois de terem caído abundantes e purificadoras chuvas. Será tranquila, limpa e transparente! Sentir-me-

-ei então tocado por uma nova e suave inspiração e os meus olhos "verão a terra que está longe" (Isaías 33:17).

Puros por entre impuros

Quer queira, quer não, aquele que se alimentou do "Pão da Vida" terá de "ficar" no mundo. O asceticismo não surge, aqui, como uma indicação dada pelo Mestre. Não se ganha a santificação fora da órbita das multidões ou das ruas; o discípulo é incitado a "ficar" ou a "estar"; nunca a bater em retirada. Fugir parece ser uma procura de santidade um tanto enferma, anémica e inválida a substituir-se à *musculatura e ao nervo de aço*. O santo "evadido" aparece esvaziado de coragem e de firmeza.

Cristo ordena-nos que nos vistamos de branco, que sejamos puros entre impuros, que, como cavaleiros intrépidos, encaremos o turbilhão da praça pública testemunhando, face a face, com todos os irmãos humanos.

Estamos no mundo; mas... "não somos do mundo" (João 17:16). Quem d'Ele "se alimenta", resiste ao ar mais ou menos pestilencial que o cerca. E o virus característico do universo circundante, não se aloja no discípulo autêntico nem tão pouco se nutre do seu ser.

"Aquele que domina este mundo está quase a chegar... mas não tem poder sobre mim" (João 14:30).

Sem pontos de apoio e terreno propício, os micróbios não se desenvolvem; ou desaparecem.

Se eu "não for do mundo" os "enganos do Maligno" (Efésios 6:11) nada conseguem contra mim; resisto-lhes, natural e instintivamente.

A proposta do Mestre impele-me a "fazer com que o mundo acredite". Ele pretende um discipulado de pureza e de força que expanda a sua mensagem, a fé que aumente "a família de Deus" citada por S. Paulo (Efésios 2:19). □

CONTRASTE

—Acácio Pereira

À falta duma Igreja do Nazareno na região onde passámos as últimas férias, decidimos procurar outra. Deparamos com uma congregação fechada, de sala a meia luz e pouco convidativa. Nesse domingo a Escola Dominical resumiu-se a uma palestra social; e o culto de Santa Ceia, a um grupo selecto. Sentimo-nos deslocados. Não era o que nós pensávamos.

Em contraste, assisti há tempos a um culto que me impressionou. A igreja, de visão ampla, acolhia com agrado toda a classe de pessoas. Juntavam-se às centenas. Formavam uma única família. À entrada um jovem recepcionista dava as boas-vindas e entregava, com o horário do culto, uma lista de orações e de necessidades mais urgentes. Logo de início, toda a assistência se levantou e cantou entusiasmada louvores a Deus. Reinava verdadeira unidade de espírito e de sentimentos. Os testemunhos surgiram espontâneos. A presença do Espírito Santo era real.

Há igrejas que descuram o seu lugar, mensagem e natureza. É de lamentar que numa época como a nossa com tanta facilidade de informações haja pessoas que ignorem a força dinâmica da Igreja de Jesus Cristo.

A sua presença na sociedade será uma bênção se a compreendermos na totalidade da sua missão. Não a confundamos com a de tantas outras organizações e instituições seculares.

A palavra *igreja* aparece 114 vezes no Novo Testamento. Foi após a descida do Espírito Santo no Pentecostes que se realizou a inauguração da Igreja—só naquele dia se converterem três mil pessoas. Além disso, "todos os dias acrescentava o Senhor, à igreja, aqueles que se haviam de salvar" (Actos 2:47).

A igreja é o veículo ordenado por Deus para expandir e preservar a fé cristã. Não foram os apóstolos que a fundaram. Foi o próprio Jesus Cristo que instituiu a Sua Igreja e lhe colocou os alicerces: "Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; no qual, todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor" (Efésios 2:20-21). Não existe teoria—ou interpretação eclesiástica—que possa remover esta origem. A existência da Igreja não depende de caprichos humanos. A responsabilidade do homem apenas se deve limitar a cumprir ordens do Deus a quem ela pertence.

O papel da Igreja é essencialmente espiritual. No entanto, tem socorrido necessidades físicas de toda a espécie. Nos períodos mais obscuros da humanidade sempre ela iluminou o intelecto e abriu caminho para um encontro pessoal com Cristo.

A Igreja só pode inspirar firmeza e confiança quando orientada pelo Espírito Santo. As forças do mal, por maiores que sejam, nunca a conseguirão destruir. Foi o próprio Mestre que declarou: "As portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mateus 16:18).

A missão essencial da Igreja no mundo é ajudar as almas a aproximarem-se do Senhor através da sua acção e do companheirismo daqueles que a ela se unem. A Igreja são os cristãos; e, quando pouco activos ou apáticos, contribuem para a sua decadência.

É de origem divina, mas com um propósito humano. O apóstolo Paulo explicita-o neste versículo: "Para que saibas como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a *coluna e firmeza da verdade*" (I Timóteo 3:15). □



a segunda vinda de Cristo

—Eduardo G. Wyman

Não faltam na rádio, televisão, folhetos, revistas e livros, palavras sonoras, demasiado dogmáticas sobre escatologia—doutrina das coisas futuras. Se elas concordassem realmente com as Sagradas Escrituras, a crítica apenas teria que ver com a forma de serem apresentadas. Mas trata-se por vezes de novidades doutrinárias, inventadas pelo homem, que contradizem os ensinamentos explícitos da Bíblia.

Em momentos difíceis da vida o profeta Elias reconheceu que Deus nem sempre fala como ven-

to forte, terremoto ou fogo, mas numa voz mansa e delicada. É possível que assim tenha acontecido conosco. Às vezes é preferível calar o nosso dogmatismo para deixar falar delicadamente o coração.

Os fundadores da Igreja do Nazareno demonstraram sabedoria no modo como apresentaram nos Artigos de Fé do Manual a doutrina da Segunda Vinda: “Cremos que o Senhor Jesus Cristo voltará outra vez; que nós, os que estivermos vivos na Sua vinda, não precederemos aqueles que morreram em Cristo Jesus; mas que, se permanecermos n’Ele, seremos arrebatados com os santos ressuscitados para encontrarmos o Senhor nos ares, de sorte que estaremos para sempre com o Senhor”.

Sobre temas proféticos ou escatológicos, não encontro maior clareza que nas palavras de Jesus em Marcos 13:34-37—“É como se um homem, partindo para fora da terra, deixasse a sua casa, e desse autoridade aos seus servos, e a cada um a sua obra, e mandasse ao porteiro que vigiasse. Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa; se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã. Para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo. E, as coisas que vos digo, digo-as a todos: Vigiai”.

À luz desta doutrina que poderemos proclamar sobre a Segunda Vinda? Se queremos ser fiéis a Deus e à Sua Palavra, devemos esclarecer que:

1. O Senhor Jesus regressará à terra corporalmente. Assim o declara Actos 1:11—“Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que de entre vós foi recebido em cima, no céu, há de vir, assim, como para o céu o vistes ir”.

2. Ninguém sabe o ano, mês, semana, dia ou hora em que Cristo voltará. Em Mateus 24:36, Ele declarou: “Porém, daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos

do céu, nem o Filho, mas unicamente meu Pai”.

3. Devemos estar preparados para a vinda de Cristo. Será em breve. É perder tempo preocuparmo-nos com quem será o anticristo. A mensagem gloriosa da salvação para o mais vil pecador requer todo o nosso esforço, tempo e oração.

Não vale a pena perder o sono por causa da interpretação do número 666. É simbólico. O número 6 repetido três vezes leva-nos a pensar no mundo, demônio e carne. Mas nada temos a ver com esse trio, se já renunciámos a Satanás, ao mundo e aos desejos pecaminosos da natureza carnal, seguindo “a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12:14). Deve interessar-nos a Trindade divina—Pai, Filho, Espírito Santo—que reclama a nossa fé, devoção, consagração e energias. O sinal da besta e o seu número não nos preocuparão se tivermos a unção do Espírito Santo, o Seu batismo purificador, a plenitude da bênção e a Sua presença na alma. Fomos crucificados com Cristo. Ele é a nossa esperança de glória.

Não somos salvos por nossas obras, mas por fé e graça. Permanecemos unidos à Videira verdadeira donde flui a graça.

O apóstolo Pedro exortou nas suas epístolas: “Já está próximo o fim de todas as coisas; portanto, sede sóbrios e vigiai em oração” (I Pedro 4:7).

João, o discípulo amado, falou da segunda vinda de Cristo como uma esperança purificadora: “Amados, agora somos filhos de Deus... quando ele se manifestar seremos semelhantes a ele, porque, assim como é, o veremos. E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (I João 3:2, 3).

A Igreja remida pelo sangue de Jesus antecipa a segunda vinda do Senhor, ao exclaimar em êxtase: “Ora vem, Senhor Jesus” (Apocalipse 22:20). □

CRISTO VOLTARÁ

Jesus voltará. Os anjos anunciaram a Sua vinda e diziam a verdade: “Esse Jesus, que de entre vós foi recebido em cima, no céu, há-de vir, assim, como para o céu o vistes ir” (Actos 1:9-11).

Os apóstolos pregaram que Jesus voltará. Paulo escreveu: “Porque o mesmo Senhor descerá do céu, com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor” (I Tessalonicenses 4:16-17). Todos concordavam com esta gloriosa promessa (Hebreus 9:26-28; Tiago 5:7-9; I Pedro 1:13; 5:4; I João 3:1-3; Apocalipse 1:4-8; 22:12-20).

Se admitirmos que os anjos e os apóstolos estavam equivocados, também duvidaremos do testemunho do próprio Cristo: “Virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo” (João 14:1-3). Ele não se pode enganar nem ser enganado. É a Verdade e podemos confiar na Sua Palavra. Digam o que quiserem os incrédulos, Cristo voltará.

Ninguém sabe o momento exacto da Sua vinda, excepto Deus Pai (Marcos 13:32). Ao longo dos séculos tem havido fanáticos que pretenderam descobri-lo. Fixaram datas e os seus incautos seguidores prepararam-se para receber Cristo no tempo marcado, mas sofreram amarga decepção. Estes lamentáveis enganos têm provocado cinismo e descrença. No entanto, a Bíblia declara com insistência que Cristo voltará e podemos confiar nessas promessas.

O desconhecimento da data é um apelo à vigilância espiritual constante. O regresso de Cristo é um incentivo para vida santa: “Qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (I João 3:3; Mateus 24:36—25:13; Tiago 5:8-11; II Pedro 3:11-14). O povo de Deus deve viver de tal maneira preparado que os seus planos se possam interromper com a vinda de Cristo. Embora possua bens deste mundo, o fiel não se deixa dominar por eles, porque a sua esperança está em Cristo.

o juízo

Não sabemos *quando* Ele virá, mas temos a certeza da Sua vinda.

Cristo virá ressuscitar os mortos. A Bíblia declara: "Porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação" (João 5:28-29; I Coríntios 15:22-26; I Tessalonicenses 4:16).

Cristo virá julgar o mundo. "Eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra" (Apocalipse 22:12; Mateus 25:31-46; II Tessalonicenses 1:5-10; Tiago 5:8-9). Todo o ser humano encontrará o seu destino final perante este Juiz, a quem não se pode mentir, enganar ou subornar (Apocalipse 20:11-15). A história da humanidade acabará diante do tribunal de Deus (Romanos 14:9-12).

Cristo virá e levará consigo para sempre o Seu povo. É uma promessa que tem animado os cristãos de todos os séculos. Jesus disse: "Vou preparar-vos lugar. E, se eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também" (João 14:2-3; I Tessalonicenses 4:16-17).

Cristo voltará. A Bíblia afirma-o. O pecado será destruído para sempre e aqueles que creem no Senhor viverão eternamente com Ele, onde não há dor nem lágrimas.

Jesus é o Senhor da história. É o supremo Juiz da humanidade; o Salvador de quem se arrepende dos pecados e confia no Seu amor, perdão e redenção. Para os filhos de Deus, a vinda de Cristo é a "bendita esperança", a única esperança.

"Portanto, cingindo os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios, e esperai inteiramente na graça que se vos ofereceu na revelação de Jesus Cristo, como filhos obedientes, não vos conformando com as concupiscências que antes havia na vossa ignorância; mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós, também, santos, em toda a vossa maneira de viver; porquanto está escrito: Sede santos, porque eu sou santo" (I Pedro 1:13-16). □

—E. O. T.

O Juízo é o último tribunal onde todas as obras e os motivos dos homens serão julgados. A realidade dum juízo divino sobre toda a vida humana é uma das mais fortes e coerentes declarações da Sagrada Escritura.

No Antigo Testamento o termo é usado com frequência para designar os castigos temporais ou a morte com que Deus condena os que se encontram fora do pacto ou, estando incluídos nele, transgridem (Gênesis 18:25; Salmo 7:11). Entretanto, até no Antigo Testamento se prevê um "Dia do Senhor" no qual todos serão julgados (Daniel 7:9-11). O autor de Eclesiastes, que descreve a sua peregrinação intelectual de cepticismo perante a vida e a fé em Deus, declarou finalmente: "Deus há-de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau" (12:14).

No Novo Testamento há indicações do juízo que os teólogos denominam "particular" ou "provisório". Quer dizer, os homens são julgados no momento da morte e, por sua própria natureza, ocupam o lugar que lhes corresponde (Actos 1:25; 13:46; II Coríntios 5:8; Lucas 23:43; 16:19-31).

No entanto, o que acabamos de expor não deve obscurecer a realidade de que, além disso, há um juízo final em que todos os homens comparecerão diante do trono de Deus. É conhecido por "dia do juízo", o qual não se deve interpretar no sentido dum dia de 24 horas, mas como "o tempo determinado" (Mateus 11:22, 24; 12:41; Actos 17:31; Romanos 2:16; Judas 14-15; Apocalipse 20:11-13). □

—W. T. Purkiser

Wesley e a doutrina da santidade

João Wesley é, sem dúvida, a figura mais destacada nas igrejas de santidade. Todas elas o têm como autoridade nos seus ensinamentos. Porém, volvidos dois séculos, perguntamo-nos se as ideias básicas de Wesley apenas vigoravam até ele morrer ou se foram alteradas ao longo dos anos.

Reconheceria ele a nossa pregação hodierna do evangelho como essencialmente igual à sua? Concordaria com a nossa apresentação? A resposta é simplesmente especulativa, mas o certo é que tem havido mudanças em alguns aspectos.

A relação entre uma segunda obra da graça e o novo nascimento parece ter sido modificada.

Wesley considerava o amor perfeito como fruto antecipado e óbvio duma vida de fé e obediência. Ensinou aos crentes em crescimento na graça que "esperassem" a todo o momento esta bênção. Para ele a santificação era um processo que começava na conversão. Explicava-o através duma ilustração. Comparava a vida cristã a uma casa na qual o arrependimento representava o pátio; a fé, a porta; e a santidade, toda a casa. Ensinava que a obra instantânea da fé busca a inteira santificação.

No sermão sobre a perfeição cristã, Wesley referiu-se aos crentes que só tinham recebido a justificação como "novo nascimento no sentido mais simples" (referindo-se, talvez, apenas ao interior da casa). Seguir-se-ia a vitória sobre o pecado que se aplicaria apenas aos inteiramente santificados.

Em Janeiro de 1739, ao referir-se aos crentes recém-batizados, Wesley observou que "quem nasceu de novo no sentido comple-

to da palavra, experimentou uma mudança interior completa e minuciosa pelo amor de Deus que habita no seu coração. A maioria tinha nascido de novo no sentido de receber a remissão de pecados".

Noutro sermão intitulado "Sinais do Novo Nascimento", baseado em João 3:8, Wesley mencionou "o fruto da fé pela qual nascemos de Deus... o poder sobre o pecado interior" que "purifica de todo o desejo e atitudes mundanas". "O homem velho é crucificado com Cristo para que o corpo do pecado seja destruído". Esta doutrina é defendida nas convenções de santidade, mas ficaríamos admirados se a ouvíssemos no contexto dum novo nascimento e das necessidades dos não salvos.

Para Wesley, o novo nascimento abrangia uma condição de inteira santificação. Ser salvo e santificado não eram duas obras separadas da graça, mas uma surgia da outra. O segundo caminho, como Wesley o descreveu, não tem grande relação com o pecado, mas com a renovação total do coração no amor de Deus. Isso capacitava a amar a Deus sobre todas as coisas e aos homens por Sua causa.

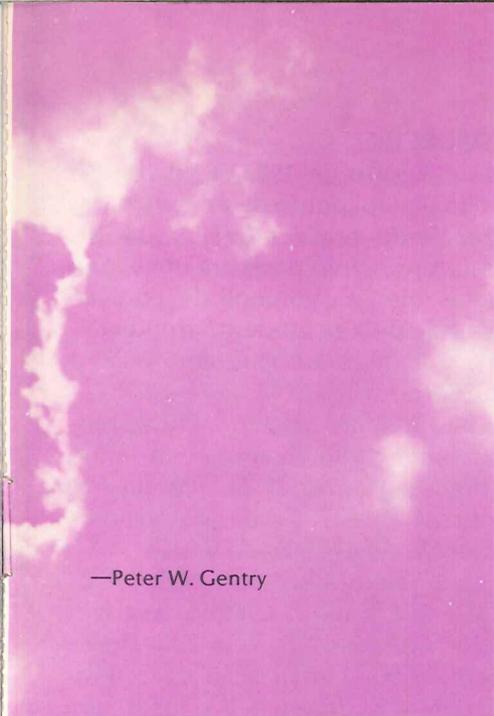
O ponto de vista wesleyano sobre a segunda bênção contrasta

com o que se ensina actualmente. Apresentamos, por vezes, a santificação como algo distinto da salvação, como se fosse um novo começo na vida cristã. Em muitas ocasiões até se apela para a santificação como remédio dum discípulo pobre ou duma conversão decepcionante. Wesley não concordaria com tal conclusão. Para ele, a solução seria o arrependimento, não o amor perfeito.

A origem das denominações de santidade deveu-se a uma reacção dentro do Metodismo. Assim como Wesley dera ênfase às partes importantes dos artigos de fé anglicanos (para atender às necessidades do povo), também os líderes dos grupos de santidade insistiram na segunda bênção para se oporem ao mundanismo e ao liberalismo que imperavam nas igrejas.

O que hoje chamamos "consagração" também é um novo elemento surgido no ensino de santidade. Wesley desconhecia este termo, embora a morte do eu, a que nos referimos neste contexto, fosse apoiada por ele. Sempre ensinou que a fé santificadora era dada ao crente que aceitava totalmente a vontade de Deus.

Hoje chega-se a definir o acto de consagração como certas abstenções ou proibições que quase deixam a impressão de com elas



a nossa vida de esperança

—Peter W. Gentry

—Edward W. Levin

se comprar a bênção desejada. Wesley defendia que a fé era a única condição e meio de santificação.

· Talvez o problema seja questão de terminologia, mas duvido que Wesley, no seu caso, tivesse pensado na consagração como elemento dos primeiros passos espirituais a dar, quando se tinha dedicado ao Senhor sem obter resultado positivo. Só o conseguiu quando por fé encontrou a bênção na experiência da rua Aldersgate.

Os primeiros metodistas não possuíam grandes bens para oferecer ao Senhor, pois, na maioria, eram pessoas pobres e marginais. Mas nos avivamentos de santidade posteriores surgiu o problema de igrejas de elite, de alta sociedade, mundanas, de recursos económicos e com a tendência de vincar a necessidade de preparativos para quantos buscavam a santificação.

João Wesley pediu a seu irmão Carlos: “Insiste numa redenção completa que se recebe *unicamente por fé*. Que se busque com insistência... a bênção instantânea”. Esta declaração contém o que nós ainda hoje defendemos, mas continuemos fiéis às suas definições para redescobrirmos a nossa verdadeira herança. □

Quando o apóstolo Paulo enviou o seu “capítulo de amor” à igreja de Corinto, escreveu: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três: porém o maior destes é o amor” (I Coríntios 13:13). É digno de nota o facto de Paulo ter incluído neste trinómio a esperança, apesar de reconhecer que o amor é superior e a fé é uma qualidade essencial da vida cristã.

Marjorie Jantz comentou que estas três características proporcionam tanta estabilidade à vida espiritual como as três escoras a um tripé. Temos a tendência de considerar a importância do amor e da fé e descuidar a necessidade da esperança.

Esta leva-nos a enfrentar as decepções de hoje com confiança num futuro mais promissor. A esperança contempla num vislumbre os fracassos de sonhos e os planos desfeitos. Vê a tumba fria dum ser querido com a tranquila expectativa duma reunião feliz e interminável no céu. Embora os motivos do amor sejam supremos, a fé e a esperança tornam-nos agradáveis a Deus e permitem receber a Sua paz. Então as nossas vidas transbordam de gozo no Senhor!

Os três—amor, fé e esperança—são filhos da graça de Deus e actuam melhor unidos. São três anjos de bondade que tecem a piedade com fios carinhosos, fidedignos e alegres extraídos do coração.

O rei Davi, cantor de Israel, era um homem de fé. Quando jovem, o rei Saul procurou matá-lo. Depois de ter fracassado nas tentativas do palácio, ainda continuou a persegui-lo pelos montes. Mais tarde Davi podia-se vingar mas recusou fazer-lhe mal, pois era o ungido do Senhor. A fé que produz autodomínio e confiança em Deus, em vez de aplicar a justiça com as próprias mãos, é das mais sublimes. Só é ultrapassada pela fé salvadora; mas é-lhe semelhante na confiança depositada no Senhor.

Davi também tinha um coração amoroso. Seu filho Absalão arrebatou-lhe o trono e desonrou a família real. Apesar disso, quando o exército de Davi venceu, este pediu que poupassem a vida do filho. Só um coração cheio de Deus pode perdoar a traição, o desprezo e a ruína de sua vida e fortuna. Ao saber que Absalão fora morto na batalha, Davi chorou com mágoa.

Ele manteve sempre fé e confiança no Senhor. Quando acosado por circunstâncias adversas e novas calamidades, Davi pro-

curou manter viva a esperança em Deus: "As minhas lágrimas servem-me de mantimento de dia e de noite, porquanto me dizem constantemente: Onde está o teu Deus? Quando me lembro disto, dentro de mim derramo a minha alma: pois eu havia ido com a multidão... com a multidão que festejava. Por que estás abatida, ó minha alma, e por que te perturbas em mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, na salvação da sua presença" (Salmo 42:3-5).

A esperança nasce do amor e da fé em Deus. Nas decepções mais sombrias, em lugar de resistir usando as próprias forças, o nosso espírito deve fortalecer-se com a fé e a esperança. Não são ilusórias, porque se alicerçam no Senhor, "que é Cristo em vós, esperança da glória" (Colossenses 1:27).

A esperança só é real quando as nossas tribulações também o são. O seu valor sobressai quando consegue abrir clareira nas horas mais tristes da vida. A fé é essencial e exercitamo-la na oração; mas, ao confiar em Deus, a nossa esperança ultrapassa a fé e obtém a intercessão do Espírito Santo a nosso favor: "Porque em esperança somos salvos. Ora, a esperança que se vê não é esperança; porque, o que alguém vê, como o esperará? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos. E, da mesma maneira, também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir, como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós, com gemidos inexprimíveis" (Romanos 8:24-26).

Amemos, pois, ao Senhor e ao próximo e confiemos totalmente em Jesus Cristo nosso Salvador. Quando surgirem dias sombrios de tribulação, elevemos o nosso amor e fé até às alturas nas asas velozes da esperança. Que todos os dias futuros e promissores da vida possam ser enfrentados com o regozijo duma viva esperança. □

ENCONTRO INESQUECÍVEL

Nos dias 3 a 10 de Agosto de 1982, a Vila da Ribeira Brava em S. Nicolau foi ponto de encontro dos Nazarenos de Cabo Verde, realizando ali a sua 29a. Assembleia Distrital. A princípio parecera um sonho inatingível: daqueles que só homens de coração grande e alma dilatada pela fé podem architectar. Esta foi galardoada por um Deus que ama visão e ajuda os Seus a fazer proezas.

S, Nicolau foi ponto de encontro com Deus. Sentimo-Lo perto nas reuniões matinais às 6:30 onde encontrámos inspiração nas profundas meditações das esposas dos nossos obreiros, e de joelhos deramámos o coração pelo povo de Cabo Verde.

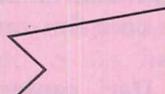
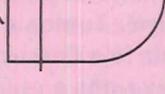
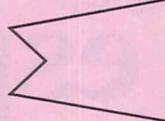
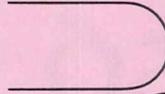
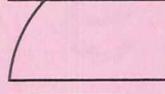
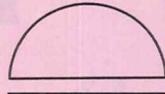
Sentimo-Lo perto também nas reuniões devocionais, nas convenções e à noite nos cultos evangélicos no amplo recinto desportivo do Polivalente cedido pelo governo para a realização da assembleia. Noite após noite o povo encheu o local para ouvir os Nazarenos testificarem da sua experiência e conhecer Jesus Cristo de maneira pessoal.

Deus esteve perto também nas reuniões de trabalho. A Sua presença manifestou-Se no espírito de unidade e harmonia entre os obreiros e delegados, nos relatórios de vitória e crescimento, nas promessas de continuar cerrando fileiras contra o Inimigo, servindo a Deus nas Ilhas.

Deus esteve presente no culto no Lombinho onde o Rev. Daniel Barros historiou o trabalho em S. Nicolau desde os dias da oposição organizada em que todas as portas se fechavam aos evangélicos, até hoje em que a simpatia pelos crentes tornou possível a assembleia: o povo não Nazareno abriu generosamente as suas casas para receber e alojar delegados e visitantes. Esse culto no Lombinho ficará indelevelmente gravado na memória de todos que ali estiveram. Houve lágrimas de saudade pelas vítimas do acidente que enludou a igreja e a ilha ceifando muitas vidas, no primeiro ano do ministério do pastor Daniel, roubando à igreja vários dos seus membros mais válidos. Mas Deus transformou esse trágico acontecimento em vitória, tornando-o o princípio de uma abertura para com o Evangelho. Outros se têm levantado para substituir os que tombaram na luta, e o trabalho na Vila tornou-se forte e estável.

No fim do culto desfilámos pelas ruas, parando nos locais onde no passado os crentes se reuniram para adoração. Tem sido uma longa romagem, de lugar para lugar. Unimo-nos aos irmãos da Ribeira Brava no seu profundo anelo por um templo que seja acessível a todos e permita a expansão da Obra.

O Director de Missão Mundial trouxe a Cabo Verde a presença da Igreja Internacional, fazendo-nos sentir que o trabalho nas Ilhas não é algo isolado, mas parte da grande obra nazarena no mundo, procurando levar Cristo e a mensagem da santidade aos lugares mais remotos do mundo.



Mateus 13:38

Quando terminou a assembleia estávamos gratos a Deus pela oportunidade de nela ter participado. Tínhamos a visão ampliada e um desejo mais profundo de O servir e deixar que Cristo seja exaltado nas nossas vidas e no mundo.

Foi bom ir a S. Nicolau! —M. Odette Pinheiro



O Rev. Daniel Barros com a esposa D. Milú (esq.) e a D. Merly Borges, elementos fundamentais para o bom êxito da assembleia. Além de muitas outras actividades, as duas senhoras dirigiram o preparo das refeições, sempre servidas com pontualidade e esmero.



O Director de Missão Mundial, Dr. Guy Nees (esq.), e o Rev. Gilberto Évora, Superintendente Distrital.



O Rev. Roy Henck (esq.), Director da Missão, interpreta a mensagem do Dr. Nees, na tenda improvisada onde se realizaram as reuniões durante o dia.



O povo desfilou levando à frente a bandeira cristã.

BRASIL—NOVO TEMPLO

“A Igreja do Nazareno chegou a Cosmópolis no ano de 1962. Por circunstâncias várias o trabalho foi suspenso em 1967.

A cidade de Cosmópolis dista 35 quilómetros de Campinas, nossa Sede distrital. A instalação da refinaria de petróleo “REPLAN” dinamizou a cidade,

que hoje registra franco progresso. Possui cerca de trinta mil habitantes.

A interrupção dos nossos trabalhos em Cosmópolis caracterizou-se, para mim, em uma dívida da Igreja do Nazareno para com a Cidade e, particularmente, com o grupo que constituiu a Igreja. Sal damos a dívida a nove de Outubro de 1982, com a inauguração da primeira fase do projecto—o templo—com capacidade inicial para duzentas pessoas.

O retorno da Igreja tornou-se possível, graças ao esforço conjugado da Prefeitura local, que nos doou o terreno; do Distrito; de vários irmãos de Campinas e Cosmópolis, que ajudaram com mão-de-obra; e, de uma oferta, oportuna, de uma família amiga do Rev. Robert Collins, que possibilitou as instalações eléctricas, vidros e mobiliário. Nossos agradecimentos a todos.

O Rev. Felício O. de Mário, iniciador do trabalho em 1962, reassumiu o pastado da igreja. O futuro mostra-se promissor.”

EBENESER!

—J. A. Lima
Superintendente Distrital



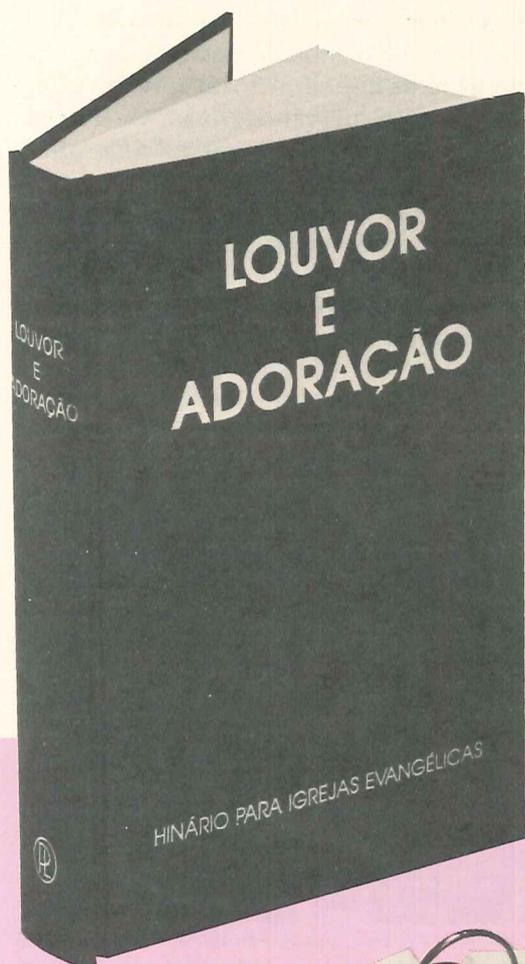
Rev. Felício de Mário e esposa, pastores da Igreja, na dedicação do templo.



À entrada do templo, iniciando a programação. Da esq. p/ direita: Revs. Aguiar, Heap, Wood, Lima e De Mário.



Parte da assistência na inauguração do templo de Cosmópolis.



Música e letra

PM-011 Encadernado, azul, 556 páginas

PM-009 Encadernado, castanho, 556 páginas

Preço US\$7.00

Letra

PM-012 Encadernado, azul, 475 páginas

PM-010 Encadernado, castanho, 475 páginas

Preço US\$5.00

Folhas soltas e capa com argolas metálicas para instrumentistas e músicos da igreja

PM-013 Capa preta, letras doiradas

Preço US\$18.50



Faça hoje a sua encomenda à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES
Box 527 Kansas City, Missouri 64141, E.U.A.

